



BODHISATTVA

PREÂMBULO SOBRE A RELIGIÃO BUDISTA

O budismo refere-se a um conjunto de práticas religiosas e filosóficas desenvolvidas nos últimos 2500 anos. Tem como ponto de partida o platô do rio Ganges, na Índia, espalhando-se em seguida para a maior parte do continente asiático, chegando ao Afeganistão e à região da Pérsia a oeste, no Japão ao leste, às ilhas de Sumatra e Java ao sul, e chega, finalmente, à Mongólia e partes da Rússia ao norte (GETHIN, 1998).

Esse conjunto de práticas baseia-se na codificação dos ensinamentos de Sidarta Gautama, jovem de origem indo-nepalesa que viveu por volta do século V a.C. Dizem esses escritos que Gautama era filho de um rico magistrado local e vivia uma vida materialmente confortável, até o momento em que ficou desiludido com a efemeridade da existência humana. Perturbava-lhe a ideia do sofrimento e da morte, e que sua vida privilegiada de pouco importava diante dessa realidade inescapável. Diante disso, o jovem decidiu abandonar o conforto material onde vivia para praticar uma vida ascética, de extremo desapego a tudo que é mundano. Meditando profundamente Gautama teve uma intensa experiência espiritual que chamou de *Bodhi*, o despertar. A partir de então, ele dedicou o resto de sua vida a ensinar “o caminho para o fim de todo o sofrimento” (GETHIN, 1998, p. 15, trad.), sendo chamado de *Buda*, o iluminado.

Os ensinamentos do Buda deram origem a três grandes correntes do budismo, que são as principais até os nossos dias. A corrente *Theravada* é a mais antiga, tendo surgido nos séculos anteriores à era cristã. Seus escritos sagrados são registrados na língua pali, antigo idioma indo-iraniano da mesma raiz do sânscrito. É considerada a corrente mais próxima do budismo original, praticada por mais de 100 milhões de pessoas no Sri Lanka, em Myanmar, na Tailândia, no Camboja e no Laos (GETHIN, 1998).

A segunda corrente do budismo é a corrente *Mahayana*, também conhecida como “Grande Veículo”. Seus textos sagrados são preservados em chinês e espalharam-se pelo Japão, Coreias e Vietnã, além da China. Extremamente diversa, a corrente *Mahayana* conviveu com outras religiões tradicionais, como o Confucionismo, o Taoísmo e o Xintoísmo. Talvez por isso, pela sua facilidade de convivência com a diversidade de religiões e pensamentos filosóficos, o budismo *Mahayana* encontra-se deslocado das tradições da corrente *Theravada*, adotando poucas de suas premissas (GETHIN, 1998).

A terceira corrente do budismo é a Tibetana, praticada por entre 10 a 20 milhões de pessoas no Tibet, na Mongólia, em partes do Nepal e da Índia. Seus escritos sagrados são preservados em tibetano e contém proximidades com a corrente *Mahayana*. No entanto, sua linha de orientação é a do “Veículo do Trovão de Diamante”, também conhecido como budismo tântrico ou Vajrayana (GETHIN, 1998).

O QUE É BODHISATTVA?

Em sânscrito, uma das línguas sagradas do budismo, *Bodhisattva* significa, literalmente, “aquele cuja essência é a iluminação”. Caracterizaria qualquer pessoa que, ao alcançar a iluminação, decide permanecer no mundo físico a fim de auxiliar os demais seres vivos nessa missão. Estima-se que essa doutrina tenha se estabelecido ainda nos primeiros séculos da era cristã, alcançando as principais correntes budistas, *Theravada* e *Mahayana*, de formas distintas. Na primeira, *Bodhisattvas* seriam somente as vidas pregressas do Buda Gautama; na segunda, de tese mais abrangente, *Bodhisattvas* seriam todos aqueles praticantes do budismo que agem em benefício de todos os seres (KAWAMURA, 1981).

Apesar da definição enciclopédica, Peter Slater ressalta que *Bodhisattva* é um conceito: o praticante do budismo, a partir de seu estado de iluminação, torna-se *Bodhisattva*, que seria “o mais importante título, e o mais nobre papel, que qualquer budista pode aspirar” (KAWAMURA, 1981, p. 1, trad.). Partindo do pressuposto de que o budismo é uma religião praticada pelo exemplo, o conceito de *Bodhisattva* é o veículo sobre o qual a mensagem é comunicada de forma simples e direta, afastada de longas abstrações e especulações filosóficas. *Bodhisattvas* seriam, nesse sentido,

a condição para nossa libertação de uma aparente infinita espiral de medos, temores, apegos imaturos a percepções distorcidas sobre quem realmente somos e onde se encontra a nossa verdadeira felicidade. Mais particularmente, quem é chamado de *bodhisattva* é aquele cuja a existência é permeada com o poder da verdade derradeira, mas que adia a libertação do sofrimento que ele proporciona em troca de ajudar outros a perceberem esse mesmo estado de alegria inepta (KAWAMURA, 1981, p. 1, trad.)

A atuação do *Bodhisattva* se dá, portanto, por uma via de mão dupla: ele é capaz de ascender ao mundo dos iluminados graças à sua sabedoria (*prajna*), mas não conclui seu percurso para tornar-se Buda devido à sua compaixão (*karuna*), “que seria o desejo de que o sofrimento de todos os seres tenha um fim” (GETHIN, 1998, p. 187, trad.). Significa dizer que o *Bodhisattva* não alcança o *Nirvana*, estágio máximo de iluminação espiritual, por livre iniciativa, movido pelo desejo de ajudar os demais seres sencientes a alcançar a iluminação; no entanto, devido à sua disciplina espiritual, o *Bodhisattva* não se aflige pelo *Samsara*, o eterno ciclo de nascimento e morte ao qual todos seres vivos estão atrelados (KAWAMURA, 1981).

É na China que a doutrina do *Bodhisattva* alcança relevância religiosa e filosófica, a partir de desenvolvimentos posteriores do cânone hindu. Com a disseminação de suas fábulas na tradição popular, os *Bodhisattvas* tornam-se seres místicos de grande poder, denominadas *Kuan-in*. Estavam sempre dispostas a ajudarem os mais humildes e eram invocadas como entidades protetivas em tempos de necessidade. “Tão forte foi a influência do culto à *Kuan-in* entre os chineses, que sua imagem de auxiliadora e compadecida é descrita em óperas executadas no presente século” (KAWAMURA, 1981, pp. xvi-xvii, trad.).

A doutrina do *Bodhisattva* é de vital importância para o desenvolvimento político do Tibet. Primeiro, pela própria introdução da religião budista na região, que assim retirou da população local as antigas tradições xamânicas. Segundo, que a doutrina do *Bodhisattva* estabeleceu os parâmetros morais e espirituais para o reconhecimento da reencarnação do Dalai Lama, considerada uma manobra política crucial para o fortalecimento dessa figura como líder temporal e espiritual do Tibet. Especula-se que tal manobra seria a base sobre a qual se constituiria a atual teocracia tibetana, pautada pela linha *Gelug* do budismo tibetano (KAWAMURA, 1981).

Também é importante notar que a doutrina do *Bodhisattva* alcança as ilhas do Japão, a partir de monges japoneses que, travando contato com os escritos sagrados da corrente *Mahayana*, levaram para as ilhas diversos desses conceitos. No entanto, o ideal dos *Bodhisattvas* levado por esses monges caiu em desuso a partir do período Kamakura (1185-1333 d.C.) (KAWAMURA, 1981).

BODHISATTVAS DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin possui uma bela coleção de *Bodhisattvas* dentro do seu acervo de arte asiática. São esculturas de diversos materiais e tamanhos, que datam a partir do século VI d.C. (Dinastia Tang) até o século XVII d.C. (Dinastia Ming). A prevalência dessas imagens de origem chinesa marcaria, na história do budismo, o alcance da corrente *Mahayana* pelo continente, que da Índia espalhou-se por todo o sudeste asiático, China e países da cordilheira do Himalaia, chegando posteriormente à península da Coreia e às ilhas do Japão. Por conta disso, a corrente *Mahayana* é a que congrega o maior número de praticantes da religião budista, abrangendo 53% do total de adeptos (JOHNSON; GRIM, 2013).

Pela tradição budista chinesa, o ideal de *Bodhisattva* sofreu três mudanças significativas no seu percurso histórico. Nos primeiros escritos sagrados do budismo chinês, ao redor do século II d.C., *Bodhisattvas* seriam todas as reencarnações anteriores do Buda Gautama descritas nas *jatakas* – coletâneas de histórias dessas reencarnações. Posteriormente a literatura sacra atualiza-se e passa a considerar o *Bodhisattva* como o modelo a ser perseguido pelo praticante da religião, sem qualquer associação com o Buda Gautama. Por fim, um século depois, com a disseminação da doutrina budista, os *Bodhisattvas* passaram a ser glorificados como salvadores, invocados como protetores dos indefesos e dos injustiçados (KAWAMURA, 1981). São os *Bodhisattvas* desse último tipo, conhecidas como *Kuan-in*, que abundam na coleção Eva Klabin.

As *Kuan-in* foram introduzidas na literatura budista chinesa por volta de 185 d.C., mas o texto de maior destaque sobre essas *Bodhisattvas* é o Sutra do Lótus, traduzido para o chinês mais de cem anos depois. Diz o texto que a *Kuan-in* poderia ser invocada nas mais diversas situações, e que o próprio som do seu nome

produziria um poder que livraria uma pessoa de vários apuros; permitiria que uma pessoa permanecesse ileso em um incêndio, não se afogasse em águas turbulentas, permanecesse salvo em desastres naturais, ou humanos, que pudessem ocorrer durante uma viagem pelo mar, permanecer ileso em um ato de execução, não ser molestado por demônios ou maus espíritos, escapar da prisão caso fosse condenado injustamente por um magistrado corrupto, ficar a salvo durante um assalto, livrar-se do apego, da raiva e da ilusão, ter belos filhos caso desejasse... Os poderes atribuídos à *Kuan-in* eram, indubitavelmente, poderosos e diversos (KAWAMURA, 1981, p. 139, trad.).

A iconografia da *Kuan-in* tem características uniformes, sem grandes variações. Sua figura é longilínea, de traços bem femininos. Sua expressão é plácida e serena, exaltando seu inabalável vínculo com o mundo superior. Em compensação, seus



Figura 1

KUAN-IN

China, dinastia Song (960-1279)

Madeira entalhada com vestígios de policromia

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

pés descalços ressaltam sua disposição em conectar-se com o mundo material, em benefício dos que buscam a iluminação. Suas vestes são muito bem adornadas, com várias camadas de véus e panos drapeados. Traz em uma das mãos um jarro de água, ou de lágrimas, ícone de sua eterna compaixão pelos homens. Sua cabeça é adornada com uma alta coroa. Todos esses são elementos que enfatizam o seu status superior, que não é de natureza material, mas sim espiritual.

Esses seriam códigos simbólicos inequívocos, que destacariam a *Kuan-in* das demais figuras de adoração do budismo. Mas ao observar a coleção da Casa Museu Eva Klabin, podemos verificar que a adição de pequenos elementos iconográficos potencializa a mensagem inspiradora da imagem. Uma *Kuan-in* de destaque na



Figura 2

KUAN-IN

China, dinastia Tang (618-907)

Pedra

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (RJ)

coleção é a que se encontra na Sala Chinesa, de frente para a porta de entrada desta sala (Fig. 1). É uma grande escultura de madeira entalhada e com resquícios de policromia, medindo quase um metro e meio de altura. O jarro de água encontra-se em sua mão direita, e em sua mão esquerda traz uma flor de lótus, símbolo de pureza e transcendência espiritual. Feita no período da dinastia Song (960-1279 d.C.), destaca-se ainda a preocupação do artista em realçar os traços fisionômicos da figura, o que reflete uma tendência a uma figuração mais realista que vêm desde a dinastia Tang, quase 200 anos antes (MIGLIACCIO, 2007).

Outra *Kuan-in* a ser destacada é a que se encontra na Sala Inglesa, ao lado da poltrona onde Eva Klabin recebia os convidados durante seus eventos sociais (Fig. 2).

Pode-se perceber que sua túnica é longa, de forma a cobrir-lhe os braços por inteiro. Observa-se ainda que ela traz o jarro de água na mão esquerda. Produzida no período da dinastia Tang (618-907 d.C.), essa *Kuan-in* diferencia-se da outra pelo material e pelo tamanho: esta é feita de pedra e mede 48 centímetros. E ao contrário da anterior, muito rígida em sua apresentação, a figura de pedra é levemente inclinada para a direita, também com o rosto virado para esse mesmo lado. Essa sensação de movimento enfatiza o caráter protetivo que a *Kuan-in* teria no imaginário do budismo chinês: o ser iluminado pronto para ouvir as preces e disponível para dispensar o bálsamo de seu jarro.

Figura 3

KUAN-IN

China, dinastia Ming (1368-1644)

Madeira entalhada e policromada

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (RJ)



Subindo para o segundo andar da Casa Museu, em um espaço discreto da Sala Verde, encontra-se uma outra *Kuan-in* de características singelas (Fig. 3). Esculpida em madeira e com resquícios de policromia, foi produzida no período da dinastia Ming (1368-1644 d.C.). Percebe-se nela a mesma iconografia vista nas demais peças: adornos bem detalhados, túnica bem drapeada, cujas formas e contornos são valorizadas pela pintura que recobre a imagem. Percebe-se também o pequeno jarro na mão esquerda, delicadamente esculpido. A imagem tampouco parece estática, pois percebe-se que a *Kuan-in* dobra levemente a perna direita, como que pronta para iniciar uma dança cerimonial. Sua mão direita se ergue para a frente, com o dedo polegar tocando o indicador, gesto muito comum da iconografia budista. Denominado o Mudra da Discussão (Vitarka-Mudra), é o gesto que caracteriza o Buda como instrutor do caminho para iluminação (RAMM-BONWITT, 2013). A presença desse gesto na imagem destaca a função doutrinária do *Bodhisattva*, que permanece no mundo físico para auxiliar todos os que buscam a transcendência do espírito.

Conforme observado na escultura da Sala Verde, o gestual também comunica muito do caráter solene e espiritual do *Bodhisattva*. O mesmo também se observa em outros três exemplares dispostos na vitrine do Hall Principal da Casa Museu, formando um conjunto interessante. Produzidas no período da dinastia Ming (1368-1644 d.C.), são em madeira e apresentam resquícios de policromia. A que chama a atenção é a que se encontra sentada no que parece ser um rochedo (Fig.4). Ela não apresenta muito da iconografia costumeira da *Kuan-in* observada até o momento, mas o seu gestual permite uma possível interpretação de sua relevância. Ao sentar-se nesse rochedo, ela dobra a perna direita, onde repousa o braço direito. Reclinando-se para a esquerda, ela apoia o corpo no braço esquerdo deixando-se repousar. Seus olhos fechados e expressão serena indicam que, mesmo em relaxamento, sua concentração é inabalável. Essa iconografia pode fazer referência a Avalokitesvara (FIGURA 5), o *Bodhisattva* que simboliza o espírito compassivo do Buda (KAWAMURA, 1981).

Figura 4

Conjunto de esculturas de *KUAN-IN* da vitrine do Hall Principal. China, dinastia Ming (1368-1644)
Madeira entalhada e policromada
Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (RJ)



BIBLIOGRAFIA

GETHIN, Rupert. *The foundations of Buddhism*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1998.

JOHNSON, Todd M.; GRIM, Brian J. *The World's Religions in Figures: An Introduction to International Religious Demography*. John Wiley & Sons, Ltd, 2013.

KAWAMURA, Leslie S. (org.). *The Bodhisattva Doctrine in Buddhism*. Calgary: Corporation Canadienne des Sciences Religieuses / Canadian Corporation for Studies in Religion, 1981.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

RAMM-BONWITT, Ingrid. *Mudras: As Mãos Como Símbolo do Cosmo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.